



EDUCAÇÃO E GÊNERO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS SOBRE PESQUISAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Fabiane Freire França (TIDE – UNESPAR-FECILCAM)
Doutoranda em Educação (CAPES – UEM – PR)

Andrea Geraldi Sasso (Fundação Araucária) – Universidade Estadual do Paraná –
UNESPAR-FECILCAM, dreasasso@gmail.com

Paula Vidal dos Santos – Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR-FECILCAM,
paulavidal_pf9@hotmail.com

Renata Santos - (Fundação Araucária) – Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR-
FECILCAM, renata-santos.net@hotmail.com

Viviane Cristina Ferreira Gloor - (Fundação Araucária) – Universidade Estadual do Paraná –
UNESPAR-FECILCAM, vivi_gloor@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo evidenciar algumas experiências das pesquisas de iniciação científica sobre educação e gênero que compreendem os anos de 2011 até início de 2013. A questão que move o presente artigo refere-se à trajetória de quatro pesquisas de iniciação científica promovidas pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR-FECILCAM. As respectivas pesquisas foram articuladas ao projeto de dedicação exclusiva da orientadora, bem como de dois projetos de extensão aprovados pelo departamento de Pedagogia da referida instituição. Os projetos de iniciação científica, de dedicação exclusiva, bem como os de extensão foram desenvolvidos em uma escola municipal da cidade de Campo Mourão-PR. Embora cada pesquisa tivesse seus objetivos e encaminhamentos metodológicos próprios estiveram articuladas pela coleta de dados e pelo referencial teórico (Estudos de Gênero). A coleta de dados foi realizada mediante o registro em cadernos de campos sobre grupos de estudos realizados com as participantes da pesquisa, 18 profissionais da educação básica. Os resultados das pesquisas evidenciaram uma lacuna sobre as discussões de gênero na escola e a necessidade de pesquisas contínuas no campo educacional.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Iniciação Científica.

INTRODUÇÃO

A necessidade de desconstruir e superar os preconceitos e discriminações produzidos pela sociedade justifica-se como necessário, sobretudo quando se trata das representações sociais de gênero no campo das práticas pedagógicas. Nesta direção, o presente artigo objetiva evidenciar algumas das experiências das pesquisas de iniciação científica sobre educação e gênero que compreendem os anos de 2011 até início de 2013.

As pesquisas que apontam a contribuição dos estudos de gênero nas práticas pedagógicas nos permitiram questionar: Quais as representações sociais de gênero produzidas pelas práticas pedagógicas? Como as trajetórias de iniciação científica puderam

contribuir à produção dos estudos de gênero na educação? Com intuito de responder estas questões nos baseamos no referencial teórico dos Estudos de Gênero (LOURO, 1997; 2007), dos Estudos Culturais (WORTMANN e VEIGA-NETO, 2001) dentre outros autores e autoras que compreendem o gênero como uma construção social, em que são estabelecidas às mulheres e aos homens características já definidas culturalmente, muitas vezes vinculadas as diferenças biológicas e físicas.

Os dados para as análises dos projetos foram coletados durante a realização de grupos de estudos com professoras de uma escola da rede pública de ensino de Campo Mourão/PR e observação das práticas pedagógicas para problematizar o discurso biologistas em busca de desconstruir valores e preconceitos. A organização dos encontros com os professores fez parte de um projeto de extensão sobre Gênero e Educação nas séries iniciais, cujo objetivo era: Investigar as repercussões de um grupo de apoio pedagógico envolvendo Estudos de Gênero sobre a ação de professores/as das séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública de Campo Mourão/PR.

Envolvendo-nos com a produção científica e refletindo sobre a questão do gênero, interrogações sobre a possibilidade de articulação de vertentes teórico-metodológicas foram constantes e, ao mesmo tempo, instigantes. Cada projeto foi sendo desenvolvido e construídos mediante as práticas e experiências dos encontros nos projetos de extensão, bem como no conhecimento de novas teorizações e leituras sobre os estudos de gênero na educação. Na sequência apresentamos uma síntese dos encaminhamentos teóricos e metodológicos de cada projeto de iniciação científica que nos possibilitaram alguns resultados e considerações.

DISCUSSÕES DOS ESTUDOS DE GÊNERO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES DOS PROJETOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA À FORMAÇÃO DOCENTE

O presente projeto de Iniciação Científica intitulado: Discussões dos Estudos de Gênero na Instituição Escolar: Problematizações a Formação Docente desenvolvido no ano de 2012, pela acadêmica Andrea Geraldi Sasso, objetivou investigar as representações de gênero presentes nas práticas educativas nas séries iniciais do Ensino Fundamental, e nesta direção, provocar maiores discussões sobre a temática principal, bem como refletir sobre ações e possíveis propostas pedagógicas voltadas à formação docente.

Diante do cotidiano reforçador de comportamentos, posturas, maneiras de “ser” que geram preconceitos, discriminações e desigualdades, nos deparamos, muitas vezes com essas atitudes refletidas em sala de aula, ou no ambiente escolar como todo. Diante disso, o

a presente pesquisa buscou responder: Como os estudos de gênero podem contribuir para uma formação continuada de docentes no âmbito escolar?

Durante o período de observações do estágio obrigatório no 3º ano do curso de Pedagogia (2012) e também de leituras que se aproximam do principal tema de estudo, percebemos a importância de investigar como as representações de gênero são apresentadas pelos docentes de uma escola pública municipal de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, pois lidar com as representações (ideias) sobre assuntos como gênero, sexualidade, corpo, sexo, entre outras na escola, permiti-nos entender que não há a “[...] existência de respostas únicas e corretas [...]”, mas sim, “[...] trata-se de um cliente escorregadio que muda e se adapta conforme o contexto, uso e circunstâncias históricas” (HALL, 1997, p. 09, *apud*, WORTMANN, 2012).

Percebemos, com isso, que entre as relações cotidianas estabelecidas entre alunos e alunas, professores/as e alunos/as no ambiente escolar, são construídos a todo instante, novas ideias e concepções sobre como nos conhecemos, nos identificamos e agimos uma vez integrantes de uma sociedade, na qual é comum:

[...] acreditarmos que nossa identidade de gênero e sexual é construída de maneira hierárquica, isto é, se nascemos fêmeas, somos mulheres femininas e teremos um desejo por homens, logo uma orientação heterossexual. São pequenos gestos e atitudes cotidianas que reforçam esta hierarquia como hegemônica e natural (FRANÇA, 2011, p. 302).

Ao abordar gênero como uma construção histórica, social, política e cultural, considera-se que as relações sociais estabelecidas e os papéis atribuídos a homens e mulheres são formados, instituindo diferenças que geralmente são classificatórias, deixando sua marca em cada momento histórico.

Para responder a principal problematização do projeto optamos pela vertente teórico-metodológica dos Estudos de Gênero com aporte teórico dos Estudos Culturais, que propõe problematizar o que é considerado natural e normal pela sociedade, práticas que possam ser evidenciadas na instituição escolar.

Os resultados desta pesquisa nos permitiram considerar que cabe a nós profissionais da área da educação, proporcionar novos olhares, estarmos abertos a outros conhecimentos produzidos, para sabermos como intervir frente às novas situações que vão surgindo. Apesar de não haver uma maneira correta de abordar determinados temas, há como discuti-los e problematizá-los para construirmos novos conhecimentos na relação professores/as e alunos/as.

O projeto de Iniciação Científica: Discussões em torno das Representações de Gênero e Sexualidade no ambiente escolar: em busca do reconhecimento da diferença que

está em andamento, sob responsabilidade da acadêmica Renata Santos objetivou investigar como se constitui a construção de gênero e sexualidade pelos(as) professores(as) do Ensino Fundamental e Médio da rede Estadual de Ensino. A escolha deste tema é justificável devido às preocupações no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade, questionando a necessidade de superação dos preconceitos e discriminação gerados pela diversidade na sociedade humana.

Em razão da importância política e social dessa discussão este projeto levantou as seguintes problematizações: Quais as representações sociais que perduram nos dias atuais de professores e professoras em relação ao gênero e a sexualidade? Como tratar as questões referentes ao gênero e sexualidade em uma sociedade em que grupos que são diferentes da norma androcêntrica e heterossexual são marginalizados? Para tanto, foram realizadas entrevistas com os/as docentes de um colégio da rede pública de ensino da cidade de Boa Esperança - PR, com o intuito de questionar as relações de gênero e sexualidade que ocorrem no ambiente escolar.

Como nos afirma Louro (2010, p. 44), as práticas, os currículos e os materiais didáticos são orientados através de um único modelo, “haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico”. Neste sentido, argumentamos que “a solução não consistiria simplesmente numa inversão, mas em construir currículos que refletissem, de forma equilibrada, tanto a experiência masculina quanto a feminina” (SILVA, p. 94, 2004).

Para discutir estas problematizações nos baseamos na vertente dos Estudos Culturais (SILVA, 2004) e na Teoria das Representações Sociais (JODELET, 2001) por nos abrirem espaços para problematizar as questões referentes ao Gênero e a diversidade.

Ao analisarmos as questões referentes ao gênero como uma construção social, compreendemos que várias definições vistas como naturais são resultantes das relações de poder, que ao longo do tempo vão sendo caracterizadas cada vez mais como naturais, por serem praticadas e repetidas cotidianamente (AUAD, 2006). A autora comenta que as diferenças entre meninas e meninos, como por exemplo, meninas são vistas como meigas e meninos falam aos gritos. Essas representações são resultantes do modo como as relações de gênero foram construídas (AUAD, 2006).

Ao estender a análise em relação à diferença entre gênero e sexo, abordamos que:

Gênero não é sinônimo de sexo (masculino ou feminino). As relações de gênero correspondem ao conjunto de representações construído em que cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos (AUAD, p. 21, 2006).

Em relação ao desenvolvimento da pesquisa em um primeiro momento houve o convite as professoras para participarem. Ao todo foram seis professores/as, sendo quatro mulheres e dois homens, que responderam a uma entrevista composta por 20 questões. A entrevista foi composta por um roteiro de questões sobre gênero e sexualidade, com o intuito de averiguar quais as opiniões dos/as professores/as com relação ao assunto pesquisado. As verbalizações dos/as professores/as no decorrer das entrevistas foram transcritas na íntegra para discussão e análise dos dados. A pesquisa realizada com os/as professores/as trouxe diversas discussões referentes às relações de gênero e sexualidade no que tange o ambiente escolar.

No que se refere a alguns resultados da pesquisa, expomos que de início ao questionar um(a) dos(as) professores(as) se em sua experiência profissional ela já havia presenciado algumas situações relacionadas ao gênero e à sexualidade e se poderia nos relatar algum exemplo, a professora nos deu a seguinte resposta: “Sim. Já dei aula. A pessoa que tinha esse **problema** de gênero e sexualidade era um ótimo aluno e não tenho que reclamar desse tipo de pessoa”. A partir dessa resposta nos focamos ao termo utilizado pelo(a) professor(a): “problema” e argumentamos que este termo pejorativo pode marginalizar as pessoas que não se enquadra na “norma”, vistos como minoria na sociedade. Desta maneira, o estudo do movimento *queer* problematiza a identidade sexual, tido como normalidade, a heterossexualidade, em relação à homossexualidade que é considerada como um problema, um desvio ou uma anormalidade (SILVA, 2004). Neste sentido, “pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade (SILVA, 2004, p.107).

Ao interrogar os professores sobre o que é ser homem e o que é ser mulher um(a) dos(as) professores(as) argumentou que “Mulher é mais delicada, amorosa. O homem é mais durão, machão, “eu mando””. Ao verificar a resposta dada pela professora, notamos que “o feminino é associado, na maioria das vezes, à fragilidade, à passividade, à meiguice e ao cuidado. Ao masculino correspondem atributos como a agressividade, o espírito empreendedor, a força e a coragem” (AUAD, p.22, 2006).

Diante disso, temos como pressuposto que educar homens e mulheres com o princípio de uma sociedade democrática exige uma “reflexão coletiva, dinâmica e permanente” (AUAD, p. 14, 2006). Diante disso, buscamos problematizar e desconstruir certas desigualdades construídas no contexto histórico da sociedade. Daniela Auad (2006, p. 23?) cita Maria Victoria Benevides, no qual interpreta que “o contrário da igualdade não é a diferença. O contrário da igualdade é a desigualdade. Uma diferença pode ser culturalmente enriquecedora, ao passo que uma desigualdade pode ser um crime”. Neste sentido, vislumbramos a construção de sociedades pautadas na diversidade cultural, que

reconheça a diferença e a pluralidade cultural como um fator positivo, desconstruindo conceitos naturalizados e permanentes.

O Projeto de Iniciação Científica intitulado: A influência da mídia televisiva na educação escolar de meninos e meninas das séries iniciais do ensino fundamental, desenvolvido entre junho de 2011 e junho de 2012 pela acadêmica Paula Vidal dos Santos, objetivou investigar como a educação escolar influencia os sujeitos no que tange a representação do ser masculino e do ser feminino. Esta pesquisa buscou promover discussões sobre o sujeito e a relação que este estabelece com seu corpo. De tal modo, possibilitando que estes sujeitos possam conhecer realmente as situações que os levam a agir de determinada forma ao que diz respeito ao culto excessivo pelo corpo “perfeito” aos olhos da sociedade. Desta forma, buscou-se responder a seguinte questão: Como a mídia televisiva e a educação-formal contribuem para o culto da imagem padrão do “ser masculino” e do “ser feminino” de meninos e meninas das séries iniciais do ensino fundamental?

Para responder a problematização proposta, optamos por fazer um levantamento das discussões sobre corpo e sexualidade na literatura brasileira e alguns clássicos de renome internacional (BOURDIEU, 1995; LOURO, 1997; 2007; WEEKS, 2007), com o intuito de evidenciar como meninos e meninas são convidados a manter o padrão do “ser feminino” e do “ser masculino” que envolve estereótipos acerca de sua identidade corporal, sexual e de gênero. Realizamos ainda observações participantes em sala de aula das séries iniciais do ensino fundamental e em um grupo de estudos com 18 educadoras de uma escola municipal de Campo Mourão - PR para investigar suas representações sociais acerca do estereótipo de corpo, gênero e sexualidade.

A partir do observado no campo escolar, notamos que a mídia desempenha grande influência sobre o comportamento dos alunos, pelo fato destes procurarem estar esteticamente parecidos com atrizes e atores de novelas e seriados, vinculados a canais televisivos de grande repercussão nacional. Alunos e alunas procuravam utilizar roupas, calçados, penteados que lembrem uma imagem padronizada pelas ideologias disseminadas pelos meios de comunicação de massa, a ideologia capitalista que padroniza para poder levar o sujeito a necessidade de consumir.

Muitas vezes reproduzimos de maneira mecânica a ideologia dominante, vinculada principalmente pelos meios de comunicação, que estabelecem padrões a serem seguidos de forma desigual a homens e mulheres. Para tanto, assim como afirma Araujo, Oliveira e Almeida (2009) devemos trabalhar, dentro da sala de aula, o conceito de corpo associado às discussões de gênero e sexualidade. O corpo não deve ser pensado apenas como um conjunto de sistemas que funcionam coordenadamente proporcionando movimento e

sentido, pois o corpo, além disso, é uma construção histórica e social, e a eles são atribuídos significados.

Durante as observações participativas, pode-se, levantar dados de pesquisas pautados em falas de alunos (as), professores (as) e funcionários em geral que atuam no ambiente escolar observado, muitos destes dados colhidos evidenciou como a masculinidade e a feminilidade estão inscritas nos corpos de homens e mulheres e quando a lógica é questionada, até mesmo quando vinculada na mídia, causa estranhamento, a sociedade está acostumada a ver uma linearidade entre gênero, sexo e sexualidade os quais são construídos socialmente assim como as ações ditas “masculinas” e “femininas”, quando ocorre a descontinuidade do que está estabelecido socialmente os sujeitos tendem a questionar e muitas vezes não aceitar. “Meninas e meninos adquirem características e atribuições aos apreciados papéis femininos e masculinos. São levadas (os) a se identificarem com padrões do que é feminino e masculino para em seguida, melhor realizarem estes papéis” (ARAÚJO, OLIVEIRA, ALMEIDA, 2009, p. 3).

Por ser uma construção social, o gênero, carrega consigo inúmeras atribuições impostas e hierarquizadas. O feminino e o masculino estão carregados de estereótipos e imposições a serem seguidas e são esses estereótipos que são percebidos tanto nas falas e nas atitudes dos educadores quanto na dos alunos e alunas que desde muito cedo buscam se enquadrar nos padrões socialmente estabelecidos que são reforçados a todo momento em casa, na escola e por meio da mídia.

Foi possível verificar nas observações e nos debates realizados no curso que os educadores apresentam inúmeras dificuldades em trabalhar com a temática relacionada ao corpo, gênero e sexualidade, por vezes deixando questionamentos de lado por medo de não agir “corretamente”. Pautado nas pesquisas de Louro (2003), Braga (2010), salienta que a escola, por função, deve ser o local da transmissão do conhecimento socialmente elaborado. Também devemos reconhecer os conhecimentos sobre o corpo, gênero e sexualidade necessários no âmbito escolar, pois ainda hoje ao se tratar de sexualidade a escola se omite apresentando-se como local de ignorância a esse respeito. Isso porque as escolas apresentam grande dificuldade em abordar esta temática, apesar desta instituição não ser a única responsável pelas questões relacionadas ao sexo e a sexualidade. Por esta ser mais uma instância onde circulam os saberes sobre o corpo e a sexualidade, os educadores participam de maneira significativa neste processo com suas convicções e também com seu silêncio. A ausência, por não saber como agir sobre certas problemáticas que surgem dentro do ambiente escolar podem provocar ainda mais estereótipos e preconceitos. Neste sentido um trabalho como este se justifica.

O projeto intitulado “As Discussões e Implicações Docentes Sobre o conceito de Família e Papel da Mulher”, desenvolvido pela acadêmica Viviane Cristina Ferreira Gloor

teve como objetivo investigar as representações de família e mulher de professoras das séries iniciais de uma escola municipal de Campo Mourão, Paraná. O tema proposto como objeto de estudo é produto de uma análise teórica no que diz respeito à mulher e ao seu papel em meio à sociedade atual, papel este que foi durante muito tempo discriminado, silenciado e discutido a partir do prisma androcêntrico¹. Desta forma, a mulher como ser humano tendeu a ser ocultada durante a história em detrimento da cultura e do poder em que se encontrava inserida.

Atualmente, a dificuldade no âmbito escolar não é abordar essa história, mas problematizá-la e trabalhá-la de forma crítica, considerando que a opressão de mulheres e o estereótipo de família concebido não é algo que se configura como natural, mas uma “assimilação” resultante de um processo sócio-histórico-cultural. Passível, portanto, de desestabilização e transformação.

Como aponta Silva (2004), os Estudos Culturais preocupam-se com questões como cultura, significação, identidade e poder, todas conectadas entre si buscando a desconstrução do processo de naturalização que se formalizou na sociedade e propiciando um olhar crítico às narrativas e ações cotidianas dos sujeitos. Neste sentido, os Estudos Culturais, diz Giroux (1995), podem oferecer possibilidades que garantam aos/às educadores/as a reflexão sobre a teoria e prática educacionais e sobre o significado de educar os/as futuros/as profissionais da escola, de forma a atender as novas demandas sociais que, cada vez mais, afetam o cotidiano escolar. Entra em jogo “[...] a tentativa para *produzir novas metodologias e novos modelos teóricos* para analisar a produção, a estrutura e a troca de conhecimentos.” (GIROUX, 1995, p. 90-91, grifos meus).

Levamos em consideração que, ao se falar sobre gênero, tratamos também de relações de poder, de teorizações políticas que em si carregam concepções, representações, interpretações, perspectivas, justamente o que se procura relatar nesta análise (SILVA, 2004). Tal organização não almeja apresentar a constituição de categorias fixas de análise, mas, pelo contrário, pretende evidenciar as narrativas dos sujeitos participantes da pesquisa e problematizar conceitos e ações que nos parecem naturais.

Devido às condições sociais, políticas e econômicas que estão sendo delineadas desde a Revolução Industrial, a mulher reverte o seu papel sexual, começa a tornar-se visível na história contemporânea a partir, principalmente, dos estudos iniciados pelas feministas no final da década de 1960. Esse processo de visibilidade vem sendo realizado, segundo Louro (1997), há muito tempo por camponesas e mulheres da classe trabalhadora que exerciam suas atividades fora de casa, atividades que, no entanto,

¹ O androcentrismo é um termo cunhado pelo sociólogo americano Lester F. Ward (SOUZA, 2009) que diz respeito às perspectivas que levam em consideração o homem como foco de análise do todo.

[...] eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, 'de apoio', de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação (LOURO, 1997, p. 17, grifos da autora).

A este respeito, Hall (2005) salienta que o feminismo foi um movimento especialmente único no desencadeamento do processo de desestabilização nas relações entre gêneros, pois o questionamento e a contestação possibilitaram a politização de arenas inteiramente novas de vida social, promovendo a simetria social entre os gêneros requerida pelas mulheres.

Assim como a mulher, as famílias mudam ao longo dos ciclos de vida de seus membros e, por razões históricas e culturais, diferentes maneiras de vida familiar se desenvolveram e se desenvolvem, fazendo com que o termo "família" seja agora utilizado para descrever arranjos domésticos diversos daqueles que eram, em um dado momento, a "norma" (WEEKS, 2007).

Não são, portanto, as características biológicas que definem a distinção que se faz entre homens e mulheres, mas sim "[...] o que socialmente se construiu sobre os sexos [...]." (LOURO, 1997, p. 21), construção esta que deve ser observada para que se compreenda o lugar e as relações que se estabelecem entre homens e mulheres. Ao se falar sobre gênero, um dos termos principais deste artigo, não tem-se a pretensão de negar a natureza biológica das identidades sexuais e de gênero, mas *ênfatiza-se*, deliberadamente, o seu caráter de construção sócio-histórica sobre as características biológicas dos sujeitos, concebe-se gênero como constituinte da *identidade* dos sujeitos, transcendendo, como declara Louro (1997, p. 25), "[...] o mero desempenho de papéis."

Até pouco tempo atrás a história relatada nos espaços sociais e acadêmicos era vista a partir de uma perspectiva androcêntrica, isto é, a partir do prisma do homem como superior à mulher. Com a modificação dos padrões sociais, políticos, econômicos e culturais, a forma como as famílias se configuram se modificou, influenciando nos papéis de homens e mulheres nos espaços sociais. Portanto, a forma como a família se desenvolveu durante a história influenciou (e influenciou) na maneira como são pensados, representados e (re)produzidos papéis de homens e mulheres na sociedade moderna.

Não somente modificaram-se os conceitos no campo do senso-comum, como também modificaram-se tais conceitos dentro do campo acadêmico: estudos que dizem respeito às mulheres começaram a ser discutidos, levando a uma produção elevada de trabalhos sobre o assunto. Tais trabalhos tiveram como referência os estudos multiculturais, objetivando problematizar a cultura tomada como natural, procurando percebê-la como histórico-cultural. O recorte do trabalho aqui apresentado evidencia este movimento.

Essas discussões são de suma importância para que padrões/estereótipos de gênero, sexo e sexualidade não sejam tomados como algo natural, mas como construções sociais que se cristalizam nas representações de homens e mulheres. Se tais questões forem esclarecidas, haverá uma compreensão de que há diferentes pontos de vista envolvidos nos conhecimentos transmitidos socialmente, permitindo a desconstrução do poder hegemônico e a percepção da possibilidade de perspectivas sob outras análises e conjunturas.

Foi perceptível que, mediante o diálogo, as professoras participantes do grupo de estudos abriram maiores possibilidades para a discussão dos temas geradores abordados na pesquisa, compreendendo que este é um assunto muito importante a ser trabalhado dentro da escola para que sejam quebradas barreiras de preconceito e para esclarecer aos/às alunos/as o assunto, considerado tabu e, portanto, pouco discutido, tanto no âmbito escolar como no âmbito social.

No entanto, apesar de notarem que a sociedade hierarquiza as relações entre os gêneros, traduzida principalmente na forma de divisão sexual do trabalho, as professoras ainda legitimam tal subordinação, o que pode ser evidenciado quando afirmam que há tarefas destinadas a homens e outras destinadas a mulheres e quando dizem que sentem-se invadidas em seu exercício de docente e quando vão ao salão de beleza e encontram um homem. Ignoram, de certa forma, que o mundo e, mais especificamente, a história da mulher passou por mudanças que não mais concebem e aceitam as formas tradicionais de relações de poder que anteriormente se faziam dominantes na sociedade: os papéis que foram determinados socialmente já não condizem com as reais funções que homens e mulheres exercem, seja no espaço privado ou no espaço público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade dos diálogos e troca de leituras e discussões durante as trajetórias das pesquisas foram de extrema relevância para o desenvolvimento e resultado significativo de todas as pesquisas. A articulação entre a pesquisa da orientadora (TIDE) com as pesquisas de iniciação científica foi um recurso favorável para ampliar os olhares sobre a problemática e os objetivos propostos no espaço escolar. Ao invés de um olhar investigativo tivemos quatro outros olhares com determinados questionamentos e contribuições ao espaço investigado.

Embora os projetos apresentassem objetos de estudos diferentes: professores, representações, mídia e mulher, ambos estiveram articulados pelo referencial teórico dos Estudos de Gênero e pela coleta de dados: pesquisa qualitativa em uma instituição escolar pública com docentes interessados e abertos às presentes discussões.

Após o processo de coleta de dados durante o segundo semestre de 2011 os dados passaram a ser analisados mediante a fundamentação teórica. No ano de 2012 os dados foram divulgados em três eventos científicos na área da Educação: 21º Encontro Anual de Iniciação Científica 2º Encontro Anual de Iniciação Tecnológica e Inovação (EAIC), Jornada de Estudos: a formação do professor na Educação a Distância; ambos pela Universidade Estadual de Maringá e VII Encontro de Produção Científica e Tecnológica (EPCT) pela Universidade Estadual do Paraná campus de Campo Mourão.

A apresentação e divulgação das pesquisas em diferentes eventos possibilitaram rever pontos significativos em ambas às pesquisas sobre as contribuições e lacunas a serem revistas. Encontrar os caminhos da pesquisa em um processo coletivo evidenciou uma amplitude maior de conhecimento sobre o objeto da pesquisa. É nesta, direção que pensamos a educação de maneira interativa e grupal.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Liliane Batista; OLIVEIRA, Marília Lisboa; ALMEIDA, Aline Maria de Castro. Corpo, Gênero e Sexualidade: um olhar sobre as percepções de adolescentes da periferia de Fortaleza-CE. **Seminário internacional Enlaçando Sexualidades: educação, Saúde, Movimentos Sociais, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos**. Salvador, BA: junho de 2009.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAGA, Eliane Rose Maio. Gênero, Sexualidade e Educação: questões pertinentes a Pedagogia. In: CARVELHO, E.J,C; FAUSTINO, R.C (Org.). **Educação e Diversidade Cultural**. Maringá, EDUEM, 2010.

FRANÇA, Fabiane Freire; CALSA, Geiva Carolina. **Gênero e sexualidade nas séries iniciais da educação básica: uma proposta de reflexão a formação docente**. Revista da Católica, Uberlândia, v. 3, n. 6, p. 301- 312, 2011.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de: Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Tradução Lilian Ulup, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.**

_____. **Currículo, gênero e sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.); FELIPE, Jane (Org.); GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo na Educação**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. **Documentos de Identidade** – Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, R. F. **Androcentrismo**. Disponível em:
<<http://www.artigos.com/artigos/humanas/sociologia/androcentrismo-6724/artigo/>>.
Acesso em 16.08.2012.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO. G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.

WORTMANN, Maria Lucia; VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da ciência & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **O uso do termo representação na Educação em Ciências e nos Estudos Culturais**. Disponível em:
<http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2000/Gestao_e_Politiclas/Comunicacao/10_59_59_4032.pdf>. Acesso em: 02, Dezembro, 2012.